

S E R M A M

N O

OFFICIO DOS DIVNTOS

Da Irmandade

DOS CLERIGOS RICOS DA CARIDADE,

Na Igreja da Magdalena

No OVTAVARIO DOS SANTOS,

Que disse, & offerece

AO ILL^{mo} SENHOR

D. LVIS DE SOVZA

BISPO CAPELLAM MOR DE S. A.

& do seu Conselho &c.

○ Doutor IOSEPH DE FARIA MANOEL, Capellaõ
de S. Alteza, & Confessor de sua Capella, & Caza Real.



E M LISBO A.

Na Officina de IOAM DA COSTA.

M. DC. LXXI.

Com todas as licenças necessarias.

M. A. R. M. A. M.

N. O.

OFFICIO DOS DEPUTADOS

Da Câmara

DOS CERRIGOS RICOS DA CARIDADE

da Igreja da Misericórdia

N. O. V. A. R. I. O. D. O. S. A. N. T. O. S.

Que são os Offícios

de SENHOR

D. LUIS DE SOUZA

RISPO. CAPELLA. M. MOR. D. S. A.

& do Sr. Conde de S. Paulo

Dono da Igreja de S. Maria Maior, Capellão
de S. A. & Conde de S. Paulo, & Casa Real.



EM LISBOA.

No Officio de João da Costa.

M. DC. LXXI.

Com a sua Real Carta de Autorização



AO ILL^{mo} SENHOR

D. LUIS DE SOVZA

BISPO CAPELLAMOR DE S.A.

& do seu Conselho, &c.



ESTE Sermaõ, que he o segundo que dou à Estampa, por satisfazer aos rogos da minha Irmandade, disse em obsequio de seu louuavel exercicio. Busca a V. Illustrissima pera apparecer, e bastou só o conceito da protecção de V. Illustrissima pera sem temor sair a luz, e conseguir o esplendor que lhe faltava, desterrando todo o escrupulo de temeroso; que pera cõseguir, he necessario não temer; como disse Quintiliano: Dum omnia times nihil conaris. Não he presunção propria pello risco de inculcarse benemerito, porque o prezumir he desmerecer; assim o affirmo Clauiano no Consulado de Manlio: Non se meruisse fatetur; qui meruisse putat. Mas he segurar o credito no amparo

A y de

de V. Illustrissima aonde pertende achar mais obri-
 gada a deffensa nas rezões de taõ grande Prelado, e
 muy segura a proteccaõ nas esperanças desta humilde,
 mas voluntaria offerta de hum subdito. Assim o espe-
 ro de V. Illustrissima de quem agora faço panegirico o
 silencio, porque a repetiçaõ dos merccimentos he pera
 os que querem ser mais do que auulsaõ, e naõ pera
 V. Illustrissima em quem todos conbecem as excellen-
 cias que veneraõ, e fora arriscarlhe o credito querer
 eu dizellas, porque a virtude publica se offende com
 a oraçaõ. Assim o diz Valerio Maximo. Virtus pu-
 blica non sine offensione laudatur. Deos Guarde a
 V. Illustrissima por muitos annos com as dignidades
 que merece.

De Vossa Illustrissima

Subdito

JOSEPH DE FARIA.

A

3



Charitas nunquam excedit, Charitas omnia sperat. 1. ad Corint 13.



CHARIDADE nunca acaba, a Caridade de tudo espera: assim o escreue na primeira Carta aos de Corinto, entre outras muitas excellencias da Caridade, o glorioso Principe da terra, o Doutor das Gentes, o Apostolo S. Paulo.

Senão he a primeira vez ao menos ha de parecer nouidade, que prégandose de algũa acção fosse comtexto que a encontrasse, & tambem he nouidade subir eu oje a este lugar com quem já tinha capitulado pazes, & assentado a espada (que tambem he espada a palavra de Deos) & as vezes de dous gumes que corta affiada por ambas as partes, ou sem hauer respeito a nada, corta por tudo. E na verdade que me rendia a bom partido por me sentir incapaz de tão diuina occupação; mas o ser subdito da Irmandade, & obrigado a quem me pode mandar me fez agora subir a este perigo, corra por sua conta o naufragio, pela minha, a obediencia. Venho a pregar aos Irmãos da Caridade viuos, dos Irmãos da Caridade defuntos, & para isto trago hum tema que diz que a

charidade que não morre, & quenunca acaba. *Caritas nunquam excedit*. Pois se a Caridade não morre & nunca acaba como pode ser esta acção pellos Irmãos da Caridade que morrerão?

Mais. *Caritas omnia sperat*, a Caridade toda he esperanças, tudo espera. Pois se a esperança he tormento, muito bom he que vindo eu a solicitar aliuio às almas dos defuntos, lhes apresente mais huma esperança. Dirmeão que a esperança de ver a Deos nas almas do Purgatorio, he aliuio de suas penas, assim he: mas eu digo em rezaõ de esperança, quanto maior he o bem que se espera, tanto he maior a afflicção no que tarda, disseo o Spirito Santo, *Spes que differtur affligit animam*; & fala com as almas, & não com os corpos. Ora como poderemos conciliar a Caridade viua com os Irmãos mortos? *Caritas nunquam excedit*; & como hauemos de compor o tormento da esperança com a diligencia do aliuio? *Caritas omnia sperat*. Mas como das contradicções fae a verdade mais pura, das nuues mais claro o Sol, da noite mais bello o dia. Destas duas duuidas formarei hũ discurso do acerto de minha eleição repartido em duas partes. Mostrarei na primeira que a Caridade viua nos Irmãos viuos da Caridade, he toda a felicidade dos Irmãos da Caridade defuntos. *Caritas nunquam excedit*. Mostrarei na segunda a rezaõ com que os Irmãos defuntos da Caridade es-
perão

7
peraõ todo o seu bem dos Irmãos da Caridade viuos.
Caritas omnia sperat. Ajustarme ey com o assunto. E
pois não posso pregar como hum S. Paulo, seguirei
a hum texto de S. Paulo que possa ser fructo a humas,
& outras almas, de viuos, & defuntos. Pera isto he ne-
cessario o auxilio da diuina graça.

Aue Maria.

I. PARTE.

Caritas nunquam excedit.

BEm me parecia a mim, que contra os rigores
da morte só tinhaõ jurisdicção as valentias do
amor. Húa das mais rigorosas pensoes da morte,
he morrerem os mortos, tambem na memoria dos
viuos. Húa das maiores vitorias da amor he que vi-
ua nos viuos a memoria dos mortos. He a maior pẽ-
saõ dos que morrem o esquecimento dos que viuem,
porque como os que morrem haõ mister ser lembra-
dos pera serem socorridos, em faltando a lembrança
nos viuos, he mais dilatada a pena no que padecem
os mortos.

Não está tanto o mal em ser morto como em ser
esquecido. Christo no desamparo de sua morte na
Crus se queixaua ja deste mal por boca de David. ps. 10 v. 15
Qui videbant me foras fugerunt à me. Oblinioni datus
sum

sum tanquam mortuus à corde. Os que me viaõ morrer todos fogiraõ de mim (da morte todos fogem) & puzeraõme em esquecimento como morto. Duas couzas padecia Christo nesta occaziaõ, a saber, morte, & esquecimêto: morte pellos homês, & esquecimêto dos homês, & sendo taõ grande mal a morte, sò do mal do esquecimento se queixa. *Obliuioni datus sum.*

Qual cuidais que he o mayor mal da morte? he o morrer? naõ por certo, porque a morte he hum trále muito comum, & muito breue. O maior mal da morte he o pagar depois as diuidas, & satisfazer à diuina justiça nas penas do Purgatorio. E este mal sò com hum bem se remedeã, que he o bem que os viuos fazemos pellos mortos, & se nos esquecermos deste bem, cys ahy o seu maior mal.

Os mortos laõ duas vezes mortos, porque saõ mortos sobre serem auzentes; hum auzente dizem que he o mesmo que hum morto na memoria dos que ficãõ; se bem este pode tornar, & ser lembrado; mas hum morto que o naõ haueis de tornar a ver nesta vida; he duas vezes morto, faltando tambem a esperança de o tornar a ver.

Naõ sey se reparastes já no louuauel custume de nossa May a Igreja Catholica. Manda ella que se lhes façãõ aos difuntos officio de corpo presente, & o officio de corpo presente vem a ser, que presente o corpo do difunto na Igreja á vista de todos se lhes

2
Ihes faça o officio, & se o ffrereça a Deos sacrificio por
elles. Agora pergunto eu; aquelle officio que se faz
he ao corpo presente, ou á alma auzente? Claro
està que he pella alma daquelle corpo que està au-
zente no Purgatorio. Pois porque lhe não chamaõ
Officio dalma, se não officio de corpo? Ora vede
a palaura que vay a diante tira a duuida (corpo pre-
zente) como se dissera, o officio he pella alma, mas a
prezença do corpo se deue aquelle officio, man-
dandoo pòr sobre a terra à vista de todos. Entenden-
do a Igreja que a memoria dos mortos, so viue na
prezença, & morte descuidada na auzencia às mãos
do esquecimento, & à velocidade do tempo. Chri-
sto Redemptor nosso, anteuendo que depois de
morto, o hauia de ficar tambem na memoria dos ho-
mês, antes de morrer deixou se no Sacramento do
Altar, viuo na realidade, porem morto na reprezen-
taçãõ, com preceito de que nos lembrassem delle.

*Hoc facite in meam commemorationē. Hac quotiescumque
feceritis in meam commemorationem facietis.* Porã como
Christo quera de nòs todos os dias a memoria de
seus beneficios, mandou que todos os dias lhe fizet-
semos hum Officio de corpo presente pera ter segun-
da nossa memoria. *Hoc est Corpus meum.* A quy està
meu Corpo presente. *Hoc est.* E logo *in mei memoriã
facietis,* & tereis de mim lembrança *Hoc facite in me-
am commemorationem.* Hauendo que a lembrança dos

Luc. 22. 19. ad
1 Cor. 11. 24.

Basi mag.
in cat.

mortos sò na presença estaua segura, porque os viuos sò haurião de viuer consigo se o não tiuessẽm a elle presente ainda que morto na representaçãõ. Disse o S. Bazilio o grande, *Vi qui viuunt, non amplius in se uiuant, sed in eo qui pro eis mortuus est.* Pera que os que vivem não viuão mais em si pelo esquecimento, que na memoria de Christo morto por seu amor. Pera lembrado de futuro, quis se deixar presente.

Lembranças de sy morto (ainda que em representação) ostima as Christo tanto, que deixadas as maiores finezas, sò manda fazer publicas estas lembranças. Denos a proua a Madalena, & pois estamos em sua caza valhamonos de seu fauor:

Math. 26.

Acabada aquella acçãõ em que a Madalena vngio a Cabeça de Christo em caza do farizeo, deffendendo da calumnia com que os discipulos, & os mais a tratauaõ, rompeo o Senhor nestas palauras. *Amen dico vobis, vbicumque predicatum fuerit hoc euangelium in toto mundo, dicetur quod hæc fecit in memoriam eius.* Affirmouos que aonde chegar a voz de meu Evangelho em todo mundo se ha de dizer o que esta mulher fez pera sua memoria. Ora reparemos nestataõ notauel recommendaçãõ de Christo. Que acçãõ foy esta da Madalena que tanto particularmente em Christo empenhou os affectos, & eternizou as vozes? Empenhou os affectos rebatendo as injurias *Quid molesti estis huic mulieri?* Eternizou as vozes, *Amen dico vobis,*

vobis, quia, &c. Pergunto, a Madalena não obrou
 outras acçoês que excediaõ ou igualauãõ a esta? A
 Madalena não se arrependeo de maneira que publi-
 camente confessando seus peccados buscou a Chri-
 sto na occasiaõ mais publica, reconhecendo sua di-
 uindade no ajuntamento mais nobre, nobanquete
 mais esplendido, sem reparar em honra, pundonor,
 necê fidalguia do Mundo? *Cum autem esset Iesus in Be-* *Mat. 26*
thania in domo, &c. A Madalena não se lançou aos
 pès de Christo exemplarmente animoza, valerosa-
 mente resoluta, perfeitamente humilde, pera que a-
 braçada a tais pès podessem tomar pé suas vinturas
 que corriaõ tormenta no lamentavel naufragio de
 sua vida? *Stans retrò secus pedes Domini, &c.* A Mada-
 lena não chorou penitente com tanto estremo, que
 na corrente impetuosa das lagrimas de seus olhos em
 cada huma que derramaua mostraua huma perola,
 ou hum custoso estremo do que sentia? *Lacrimis ca-*
pit rigare A Madalena não foi taõ liberal que pera a-
 limpar os pès de Christo abriu huma mina de ouro,
 porque da de seus cabellos que afrontauãõ os raios
 do Sol, fez huma toalha de mãos pera enxugar a-
 quelles pès, sendo a mais venturosa que logrou a o-
 caziaõ pellos cabellos? *Capillis capitis suis tergebat* A
 Madalena não amou tanto a Christo, & foi seu amor
 taõ grande que nem da boca do mesmo Senhor lhe
 sabemos os quilates, soubese que era muito, não se

soube quanto era? *Dilexit multum*. Pois se a Madalena teue naquella mesma occasião todas estas acções juntamente quando vngio a cabeça de Christo, porque rezaõ esta, & naõ aquellas, teue taõ soberano aplauz? Se as mais foraõ de maior, ou igual merecimento que esta, que priuilegio teue esta, que nas logrãtaõ as mais? Teue; que as mais foraõ obradas em obsequio de Christo viuo, & esta em memoria de Christo morto. O mesmo Christo o disse: *Mittens enim hæc hoc unguentum in caput meum ad sepeliendum me fecit* Aquelle *Enim* he cauzal, he o porque daquella estimação; porque eraõ memorias de sua sepultura.

Christo estava taõ dezejoso desta honra, taõ ciOSO desta fineza que a Madalena lhe huiã de fazer, que preuendõ, se naõ huiã de lograr na menham da Resurreiçaõ, pois indo a vngillo morto, ja o huiã de achar resuscitado. Ordenou sua prouidencia diuina, por lograr a acção que tanto estimaua, que o vngisse com representaçoens de morto, ja que naõ huiã de ser na realidade de diffunto. Assim o diz S. Remigio, *¶ quia futurum erat ut hæc mulier corpus domini mortuum vellet perungere, & tamen non posset, quia Resurrectione anticiparetur, idcirco Diuina prouidentia ætænam est ut viuum Domini corpus perungeret.*

Oh morte como fazes elq. iecer! Mas oh Caridade como te fazes estimar! He necessario que os mortos viuãõ pera lembrarem. (Quero dizer, que ainda
que

que mortos estejaõ presentes) & se hum corpo morto presente pode mais pera as lembranças de huma alma auzente. Oh que venturofas são as almas de nos-
 sos irmaõs difuntos, pois naõ hauendo já fumo de se-
 us corpos mortos, se lembra a Caridade viua do fo-
 go de suas almas! *Charitas nunquam excedit.* A caridade
 nunca acaba, & como pode ser, acabar a verdadeira
 Caridade cujo centro natural como potencia sua,
 he a alma que ha de viuer eternamente? Mas esta
 taõ angelica, & taõ adeosada pello bem que se em-
 prega em liurar da pena do fogo a quem neila pa-
 dece, que se equiuoca a vista, & naõ sabe se he Deos,
 ou se he Anjo, o que exercita taõ excellente virtude.
 Oh Caridade diuina, & angelica com as almas! El-
 las ardem no fogo viuo do Purgatorio com a espe-
 rança de se verem liutes por vòs. Vos ardeis (mas
 naõ vos quei mais) no fogo viuo da Caridade pera
 as liurar do fogo a ellas. Sois hũas farsas ardentes,
 quanto mais abrazadas mais brilhantes, em que a
 vista se equiuoca entre odiuino, & o angelico. Affli-
 gido padecia o pouo de Deos a miseravel seruidaõ
 de Egipto, & Deos sentindoo, quasi o deo a enten-
 der com grandes ancias de o liurar *Vidi afflictionem*
populi mei, descendi ut liberem etc. Apareceo a Moyses
 naquella farsa misteriosamente abrazada a quem a
 pertençaõ do fogo, sò lhe seruiu de triunfo, & o
 crespo das chamas reuerdeceo os espinhos. Curioso

Exod. 3.

Moyſes voou nas azas de hum dezejo, a ver aquella grande vizaõ como ardia ſem ſe queimar; appareceo Deos no meio do fogo, & diſſelhe que naõ chegaſſe. *Apparuit ei Dominus in flammâ ignis.* A verſaõ do texto Hebreo com os ſetenta lê aſſim. *Apparuit ei Angelus in flamma ignis.* Appareceolhe hũ Anjo no meio das chamas. Se he Anjo como he Deos? & ſe he Deos como he Anjo? Era a Caridade de Deos no grande do incendio, era a velociſidade de hum Anjo na preſteza do remedio, que tudo queria que houueſſe em Moyſes. E aſſim equiuoqueſe a viſta, appareça Deos, & appareça Anjo: *Apparuit Dominus; Apparuit Angelus.* Quando apparecemos às almas de noſſos Irmaõs com os noſſos ſacrificios, apparece-moſlhes como Deos, ve yolhes Deos á ver. *Apparuit ei Dominus.* quando lhes miniſtramos eſtes ſufragios, eſtes officios, eſtas caridades, parecemoſlhes hums Anjos. *Apparuit ei Angelus.* E quando por noſſos ſufragios, & oraçoẽs ſe vem liures daquelle fogo, mais lhes parecemos Deoſes que Anjos. Quem liura do fogo ſendo hum Anjo, parece Deos.

Sonhaua a vaidade de Nabuco hũa ſtatua fabricada de todos os metais, & por motiuo deſta mandou fabricar outra toda de ouro, & atribuindolhe fingidas diuindades a introduzio a ſer Deos. A adulaçaõ, & o temor em infames ſacrificios, & incenſos lhe offereceraõ indignos cultos; naõ quizerãõ ado-

Davidis. p. 63.

Par a estatua tres mininos Hebreos, & foraõ metidos em huma fornalha ardentissima. Entregues â voracidade das chamas os arrojarão prezos a o furor arrebatado do fogo. Mas quando entre os ardores se havião de escutar tristes gemidos, se aduerterem sonoras muzicas, porque hum Anjo de Deos desceo do Ceo á fornalha com os mininos, & prendendo a afluidade do fogo, sobreueyo huma lisongeira viração que os regalaua. *Angelus autem Domini descendit cum Azaria, & socij eius in fornacem, & excussit flammam ignis.* Chegou o Rey soberbo a ver o que hia na fornalha, & vio que quatro airofos mancebos pelo meio das lauaredas, como em hum deleitoso jardim, andauão passeando: admirouse, & reparou no numero, pois hauendo mandado lançar no fogo a tres, via quatro; tres conhecia; o quarto admiraua; porque sua fermosura era semelhante ao filho de Deos, *& species quarti similis filio Dei.* Quem deo a conhecer ja a este Rey barbaro o filho de Deos? Se elle ate agora atribuya asi a diuidade, como a reconhece, & confessa em outro? parece que com luz sobrenatural assentou consigo, que quem liuraua detal incendio, só podia ser filho de Deos. *Similis filio Dei.* Agora o meu reparo. Se este quarto mancebo era Anjo que havia vindo do Ceo a acompanhar os tres mininos. *Angelus autem Domini, &c.* Como agora diz Nabucodonosor que he filho de Deos?

Deos? *Similis filio Dei*. Porq̃ o liurat do fogo a quem nelle pudera acabar, he acção tanto para admirada, que sendo de hum Anjo párece filho de Deos: he Deos no poder porque tem o poder de Deos, he Anjo no officio, porque este he o officio dos Anjos.

Ainda que não quizeramos, estava acõmodado o conceito, & fechado o discurso, porque ser semelhante a Deos no poder. *Similis filio Dei*. A quem compete senão aos Sacerdote de quem o mesmo Deos disse, que eraõ Deoses? *Ego dixi Dii estis vos*. E a quem o mesmo filho de Deos deu o seu poder? *Data est mihi omnis potestas, euntes ergo docete, quodcumque solueris erit solutum*. E o ser Anjos no officio, a quem conuem melhor que a os Irmãos da Caridade: *Angelus autem Domini*. Ouja seja pella obrigação do estado, ou pella virtude deste exercicio? Mas que muito se o mesmo Deos he Caridade de que tanto vos prezais? *Deus Caritas est, & qui manet in charitate in Deo manet*. Em huma Caridade eterna, em huma Caridade viua que nunca acaba *Caritas nunquam excedit*: com que temos mostrado, & temos visto, no que dissemos, & no que obramos, que a Caridade viua nos Irmãos da Caridade viuos, he toda a felicidade dos Irmãos da Caridade defuntos. *Caritas nūquam excedit*.

Na segunda parte mostrarei a rezaõ com que os

Irmãos da Caridade defuntos esperaõ todo seu bem dos Irmãos da Caridade viuos.

Caritas omnia sperat.

MAs porque não pareça que até agora hey pregado em cõmum, pois este discurso da Caridade pode conuir a todos os que a tiuerem, & fizerem semelhantes sufragios, sem embargo de que a nòs primeiro que a todos, respondo; que os mais fazemos de Caridade, & nòs fazemos com Caridade, porque a temos de çaza; & sêdo em boa ordem o principio, ha de começar de sy mesma, indo muita differença de hum a outro modo; & se a melhor Caridade he a que se vza com os difuntos, esta he em boa ordem, a que ha de começar de nós mesmos. Sainos obrigados pello titulo que temos a Caridade dos Irmãos que tiuemos. O titulo que temos he de Irmãos, Ricos, da Caridade. E como nossos Irmãos difuntos tiueraõ, & tem este mesmo titulo, (pois acabaraõ em Caridade com Deos) alem de estarem de posse, por este titulo nos demandaõ, com justo titulo nos obrigaõ.

Primeiro titulo. Irmãos.

Diz S. Pedro que a Irmandade se ha de amar *Fraternitatem diligite*. E Amor suppoẽ vniaõ; logo em vniaõ de Irmãos (nesta mayor Carida-

I. Petri. I. v.

11.

de) hauemos de rogar pellos defuntos : Porque pera hum Irmaõ defunto he mais agradauel a Deos a oração da Irmandade, que outra qualquer oração. Não fique este discurso sem outro lugar da Madalena, que em sua caza sêpre haõ de ser seus, os melhores lugares.

Chamado da necessidade, fiel amigo Christo, foy resuscitar a Lazaro. (Assistir às necessidades he amor, chegar-se pera as bonanças he interesse) E atropellando as dificuldades, que lhe punhaõ os discipulos, & os temores, que podia cauzar o odio dos Iudeos, chegou a Betânia, & chegou juntamente ao castello, a noua de que vinha Christo chegando. Esta uão as Irmãas do difunto muito de nojo; mas ouindo Marta a noua leuantouse, & a toda pressa lhe veyo sair ao encõtro, & Maria ficou-se em caza. Mostrou-se Marta a Christo sentida, assim da sua tardança, como da morte do Irmaõ. *Domine si fuisses, &c.* Consolou-a Christo, & disselhe, que seu Irmaõ resuscitaria. *Resurget frater tuus.* Começou ella a pôr duuidas dizendo; que isso seria pera o dia do Iuizo. *Scio quia resurget, &c.* Tornou a dizer Christo, q̄ elle era a verdadeira Resurreição. E ultimamente crendo Marta, & confessando em Christo a diuidade, & o poder, volta a caza ja com mais alento, & chama a Maria sua Irmã dizendo que Christo a chamaua. *Magister adest vocat te.* Não diz o Texto que Christo chamasse a Maria, Marta foy a que a chamou. Mas com que

mitte-

misterio? Logo o dirci. Sahio Marta outra vez a buscar a Christo que ainda não hauia chegado ao castello. *Nondum reuerat Iesus in ciuitatem, sed erat adhuc in loco illo vbi occurrerat ei Martha.* Ainda estaua no mesmo lugar aonde o deixara Marta. Ora quem não reparará nos vagares com que vem Christo a Bethania? Chegou a noua, veyo Marta, falouhe Marta, foy chamar a Maria, veyo Maria, falou a Christo. E Christo não hauia ainda chegado ao castello? Que espera Christo com tanta detença; se vem a resuscitar a Lazaro porque o não faz logo? Diz S. Ioaõ Chrysostomo, que quera que viessem muitos, & lho pedisse. *Vt videatur rogari ab alijs.* Mas eu ainda torno a perguntar, se o ha de resuscitar, não bastaua que viesse Marta, se não que esperou que chegasse Maria? Sym: tudo teue misterio. Quera Christo resuscitar a hum Irmão difunto, & tem Deos particular complacencia de que lho peçaõ muitos. Mais digo; tem particular complacencia de que lho peça huma Irmandade, por isso com huma Irmam só não faz o milagre, vá Marta chamar a outra Irmam, juntese a Irmandade toda, & entaõ resuscite a Lazaro; porque he mais agradauel a Deos a oração, não aquella que a necessidade apresenta, se não aquella que encomenda o amor da Irmandade. Valente fiador de meu conceito o mesmo S. Ioaõ Chrysostomo. *Dulcior autem ante Deum est oratio, non quam necessitas transmittit, sed quam Charitas fraternitatis commendat.* Parece que escreueo o

*Chrysost. in
Matth.*

Santo Doutor estas paluras pera a nossa Irmandade da Caridade. *Charitas fraternitatis cōmendat.* Logo se he mais agradauel a Deos o suffragio da Irmandade, obrigados estamos pello titulo de Irmãos, a fazer estes suffragios,

E pello titulo 2. de Ricos.

NAõ ha couza tão cōtraria entre sy como o Pobre, & o Rico. E com tudo o pobre he necessario ao Rico pera que vze com elle de misericordia, & o Rico he necessario ao pobre pera que o socorra. Se ambos foraõ ricos quem os hauia de lofrer? Se ambos foraõ pobres quem os hauia de remediar? tudo assim ordenou neste mundo a sũma Providencia, mas com aquella consonancia que o Rico socorra ao pobre, & o pobre seja remediado pello Rico. Em faltado esta proporção tudo se perde. Que importa ao Rico ter a caza chea de bens, se tem a consciencia vazia? Oh miseravel Auarento! queres ter bẽs, & tu nã queres ser bom? Corrente deres de que teus bens tenhaõ hum senhor tão mau. Que importa ao Rico a riqueza que tem, se nã tem a Deos que lhe deo essa riqueza? Sem Caridade o Rico he pobre, com Caridade o pobre he Rico. Nao pode escapar daqui o Rico auarento.

Lifongeadõ da fortuna viveo o Rico a seu prazer. E morreo a seu pezar. Era a sua meza tão esplendida, que a multidão das igorarias fazia duuidosa a eleição

ao gosto; porque ao mesmo tempo se via o appetite conuidado de muitos manjares. Não puderaõ os regalos impedirhe a morte; porque de ordinario são os muitos, os que apressão muito a vida. Acabou o miseravel pera as dilicias, & começou as penas, que tantas desordens algũ tempo haõ de ter fim. Morreo, & foy sepultado no Inferno Morreo juntamente Lazaro, aquelle pobre exemplo de misérias, & o que na vida foy horror aos olhos vello, na morte era aos Anjos sagrada ábição seruillo. Foy leuado pellos Anjos ao seyo de Abraõ, meté-o Abraõ em seu seyo. Ao seyo de Abraõ pera que? não bastaua que Lazaro fosse ao lugar do descanso, tenaõ que hauia tambem de descãcar nos braços de Abraõ? Sym. Porque o hauia de ver o Rico, & visse que fizera Abrão no Ceo, o que elle não quis fazer na terra. E que sendo Abrão Rico, só conseruaua a riqueza com a Chaidade. Disseo S. Pedro Crisologo; *Re vera parum se beatum credidit, si in ipsa superna gloria ab hospitalitatis pio cessaret officio.* Não se daua por de todo bemaumentado Abraõ, não se julgaua Rico de todos os bens (que isso he ser bem aumentado) se ainda no Ceo não tiuesse Charidade. Reprenção foi que deo ao Rico, & gloria foi que ostentou em Lazaro, pois mostrou, que na Charidade com que o soffreo, achou a riqueza, & o Rico a Charidade que não teue, lamentaua a miseria. Disseo S. Agostinho falando da Charidade. *In charitate pauper est diues, sine Charitate omnis diues est pauper.*

Temos logo entédido que a riqueza está na Charidade, & pera conseruar o titulo de Ricos, a haue-mos de vzar com nossos Irmãos defutos, pois elles pela posse tem titulo, & nós pera conseruar o titulo os haue-mos de conseruar na posse; quando justamente es-peraõ de nós estes sufragios, de cuja riqueza, de cujo thezouro se valem porque o amigo fiel he hum thezouro viuo. *Amicus fidelis thezaurus viuus.*

Por rezão de Irmãos, de Ricos, & da Charidade.

Que a Charidade seja tambem titulo que nos obrigue he raõ certo que não temos acção pera deixar de a vzar, tanto que ella se fez senhora de nossa vontade; por quanto diz S. Gregorio Papa que não deixa ser senhor de sy a quem huma vez se viu obrigado della. *Mens quam semel affecerit Charitas, sui juris esse non sinit* Obrigados ettamos logo tãbem por este titulo, sob pena de não ser Irmão da Charidade, aquelle que a não vzar com seu Irmão. Assim o notifica o Euangelista S. Ioaõ. *Qui vid-rit Fratrem suum necessitatem habere, & claus-erit viscera sua ab eo, quomodo Charitas Dei manet in illo?* Como pode ser (antes não pode ser) Irmão da Caridade, aquelle que na necessidade, a não vzar com seu Irmão? E que maior necessidade que a q̃ padecem nossos Irmãos no Purgatorio? quereis ver hum a sombra do que he? Ora ou-uy hum retrato de morta car. Assim como for possi-uel diruos hey hum a sombra, hũ fumo daquelle fogo.

S. Greg. Pp.

1. Ioaõ. 17.

He o Purgatorio hũ lugar junto ao centro da terra
 taõ vezinho ao Inferno dos danados que só hũa
 porta os divide; por isso ao Purgatorio chama a Igreja,
 porta do Inferno, pella vizinhança. *A porta inferi.*
 Que seja tenebroso, horrendo, & lamentavel he cer-
 to, pois he emfim lugar que a justiça diuina deter-
 minou, não mais que pera penas daquellas almas. As
 penas que aly padecem são taõ grandes, que só Deos
 o sabe, que sabe tudo, & ellas que o sentem. Duas pe-
 nas padecem juntamente, de dano, & de sentido; a
 primeira sorte de pena com que são atormentadas,
 he a pena de dano que consiste em não ver a Deos,
 porque este he o maior dano que pode padecer hu-
 ma alma. E he tal que as outras penas de fogo, & tor-
 mentos que a hy passãõ, não se diz ser dano a respeito
 daquella, são só penas de sentido. Estã a alma sem ver
 a Deos privada de seu fim, inclinação natural, & bem
 pera que foi creada, estã fóra de seu centro. Quereis
 ver com os olhos da consideração que mal seja este,
 não em realidade, mas em sombra. Ora day a tenção.
 O Ar como o seu lugar he andar sobre a terra, se acõ-
 tece alguma vez meterse de baixo della, he tal a in-
 quietação que não pára vendose prezo; até que
 fazendo terribes terremotos, & estrondosas violen-
 cias, rompe a terra, & a confunde, & a faz tremer,
 & temer, & faz voar montes por estes ares, até que
 chega a seu centro. O fogo encerrado em hũa bom-
 barda (como seja o seu lugar por cima dos mais e-
 lemen-

lementos) quando se vê ateados na poluora, & prezo, arrebenta com tanta furia, que se topa diante hum exercito inteiro, o lácará taõ longe que nenhuma força humana possa chegar aly, saluo for cõ o pélameto.

Pois se nas creaturas insensueis fora de seu centro ha padecer tanta violencia, que será nas sensitivas, & racionaes? he taõ grande pena não ver a Deos, que Deos com todo seu poder, não pode fazer maior pena. A rezaõ he porque assim como Deos não pode fazer maior bẽ q̃ elle mesmo, assim não pode cauzar maior mal que priu rnos desse bem.

A segunda sorte de pena, he outra que chamamos de sêtido, que molesta, & atormenta as almas cauzada pello fogo. Este fogo he o do mesmo inferno, só com hũa differença de ter temporal, & hauer de acabar algum dia, quando Deos for seruido. E sendo fogo material, & corporal, atormêta spiritual mente, imprimindo naquellas almas hũa qualidade acerbã infligtiua de dor, & leuado, & esforçado pello diuino poder, qual elle seja só dirãõ os que o padecẽ. Todos os males, todos os incendios, todas as penas, todos os tormentos que ha, houue, & ha de hauer nesta vida, são nada, são sombra, são imaginaçãõ são vento & a respeito daquella são como do viuo ao pintado.

Eis aquy a necessidade, eis aquy o q̃ padecẽ: pode ser mais? pode ser maior? pois també não pode ser maior a obrigaçãõ; satisfazendo a esta cõ a Charidade q̃ de nos esperaõ. *Charitas omnia sperat. Solicitamospera nos a graça, pera ellis a gloria. Ad quam nos, &c.*